

História da emigração caboverdeana: Uma visão cruzada nas composições musicais

Por Júlio ROSANROCH

(Investigador em Sociologia Aplicada)¹

“Não sei bem o que me liga a estas ilhas. Eu que gosto de me assumir como um cidadão do mundo. Capaz de me sentir em casa, em qualquer recanto desta nossa aldeia global, em qualquer espaço cultural, ainda que feliz gozando as oportunidades que o desenvolvimento proporciona, ou as delícias numa ocasional incursão no exótico, sinto uma incómoda urgência de regresso a esta cidade.

(...) Meu pai dizia-me que não procurasse lugar mais belo porque nunca o iria encontrar. Ele era marinheiro com os olhos cheios do mundo, com uma voz que fazia com que cada uma das histórias de longe que me contava calassem fundo no meu ser, tão reais como se as tivesse vividas.

Eu não compreendia como é que alguém tinha varado os mares deste mundo, visto as altas torres das cidades de sonho, florestas de um verde tão denso que feria os olhos, com bichos de fábula que prendia a minha imaginação pudesse dizer-me que não havia lugar mais belo do que a nossa cidade, onde tudo me parecia normal...

Chegou a minha vez de partir (...) fechando, de vez, uma doce página do meu caminho pela vida, cedo deram lugar ao fascínio da cidade grande, em que tudo parecia brilhar, em que a minha existência se tornou numa permanente descoberta (...) de coisas, de pessoas, de ideias que me fizeram crescer, que me tornaram cidadão do mundo e que fizeram da minha cidade uma cidadezinha.

Os anos passaram – longos anos! - a novidade deixou de ser, o desencanto instalou (...) e fez surgir novas ilhas de esperança no imenso mar do desencanto. Uma dessas ilhas o regresso só às ilhas (...) me fazem sentir que a vida muito tempo longe delas não valerá a pena...²

Contextualizar as actividades musicais quotidianas, as artes, as ciências, as dificuldades e as saudades, as histórias e os modos de vida nas páginas da história da

¹ Veja –se Santos Rocha, Júlio, (2002) *A projecção da Música e dos Músicos no exterior de Cabo Verde: As Redes Transnacionais Protagonizadas pelos Músicos*, U.N.L –F.C.S.H., Seminário de Investigação em Sociologia, Lisboa, Maio de 2002.

² António Cardoso Santos (1992), *O meu Universo ilhéu*, in *Revista FESTIVAL BAÍA DAS GATAS* 92 – Xº ANO, Mindelo, pag.s 12-13.

migração caboverdeana, remete-nos para as trajectórias de vida daqueles que vivem a realidade dos problemas sociais das ilhas, seus ascendentes e descendentes.³

Parafrazeando António Carreira⁴, “*nós cabo-verdianos, assemelhamo-nos ao cavalo alado: não fincamos os pés na terra, nem chegamos ao céu, vivemos (e muito bem) de idealismo – uma característica dos ilhéus. Fazemos poesia e ficção (bastante válidos), mas descuramos, em regra, as coisas positivas, reais, os ensinamentos da história social e económica, cuja análise permite conhecer melhor o que foi a vida dura, a luta enorme travada com as forças da natureza e com os homens. E a melhor prova de ânimo valoroso do ilhéu é dada quando emigra e trabalha em outras terras.*”

Os inúmeros problemas que afligem este povo resultam em grande parte da «descontinuidade do território», repartido por ilhas habitadas, diversas entre si do ponto de vista orográfico e da constituição dos solos. Daí o ter de viver com o imodificável, talhado pela natureza e ser impelido ao “querer partir e ter de ficar, querer ficar e ter de partir”.

No concernente a causas das migrações do caboverdeano, podem-se admitir, basicamente⁵: *as económicas, as históricas e as psicológicas*. A questão da emigração nestas ilhas põe-se ainda no contexto dos serviçais – quando colónia portuguesa -, sendo que o arranque e desenvolvimento se basearam no aproveitamento, ao máximo ou em exclusivo, da força de trabalho compulsória (e em S. Tomé ou em Angola), pelo que, por isso, se pode falar *da emigração espontânea e da forçada*.

1 – São causas económicas, directas e indirectas, quando se refere a estrutura socio-económica, estando imbricados factores de ordem social e factores de ordem económica. Ou seja, as migrações provocadas pelas secas frequentes resultantes da irregularidade e/ou escassez de chuvas, que provocam a falta de géneros de primeira necessidade; a pressão demográfica, aquela que se processa em consequência da ruptura do equilíbrio produção/população; a influência da desigual repartição das terras, designadamente nas ilhas de solo arável; o desemprego; a emigração por famílias, os familiares emigrados “chamam” para junto de si ou influenciam os que estão nas ilhas a emigrarem; a importância que assume o volume de divisas resultante das poupanças dos emigrantes, etc.

Na composição que se segue encontram-se definidas alguns destes aspectos importantes da vida social caboverdeana. Refere-se às dificuldades e às secas que causaram a emigração antes da Independência de Cabo Verde, em 1975, e à primeira fase da vida do emigrante.

3

Para uma resenha da evolução histórica da emigração caboverdeana, veja-se A. Carreira, *Migrações nas Ilhas de Cabo Verde*, ED. Área das Ciências Humanas e Sociais – Universidade Nova de Lisboa, 1ª edição, 1977. Sobre a história de Cabo Verde, veja-se Elisa Andrade, *Cabo Verde: do seu achamento a independência nacional. Breve resenha histórica, Cabo Verde*, publicado no “Ciberkiosk”, Web Site da Universidade de Coimbra, 1998.

⁴ António CARREIRA, obra citada, 1977, p. 17.

⁵ António CARREIRA, obra citada, 1977, p. 22.

“Alto Cutelo”⁶

No cimo do monte já não há Zimbram
Já secou
Raiz de calo procurou água mas não encontrou
Já secou
A água está funda, nenhum homem conseguiu tirá-la
Já secou
Há semanas que a mulher não acendeu o fogão
Na casa
Seu filho está sempre a trabalhar na estrada
Por dois mil reis
Marido, há muito tempo que foi para Lisboa
Contratado
Para ir para Lisboa
Teve de vender a sua terra
Deu-lhe de preço
Ali [em Lisboa], ele trabalha na chuva , no vento e no frio
Na [empresa] CUF, Lisnave, ou J. Pimenta
Explorado (...)

Esta composição descreve a situação provocada pelas secas em Cabo Verde, que provocaram uma grande deslocação de emigrantes para Lisboa, para trabalhar nas grandes empresas Portuguesas Lisnave, CUF e J. Pimenta, refere-se ainda a algumas das dificuldades sentidas (nomeadamente, o clima – “*ele trabalha na chuva, no vento e no frio*” - e a exploração da mão-de-obra barata – “*explorado*”).

O «Alto Cutelo» tem um significado sociológico. Ao dizer que em cima do monte já não se encontra zimbram, está-se a descrever a gravidade da situação provocada pelas secas. O ‘zimbram’ é usado pelo compositor como um símbolo de resistência à seca, porque é um dos arbustos que mais resiste à seca.

Quando não houver nem sequer ‘zimbram’ no ‘Cutelo’ é o cúmulo, ou seja, é indicador de que a situação social e económica já está nas piores condições. Chegando ao ponto de a mulher não ter nada que cozinhar durante semanas. O marido não encontra outra saída a não ser deixar a família nas piores condições (porque, sendo agricultor vendeu bens, inclusive, a *terra* arável, para arranjar dinheiro da viagem) e arrisca-se a emigrar com um contrato (*contratado*) para trabalhar para uma empresa portuguesa. Mas acaba por ser *explorado* pelo empregador e o emigrante e a sua família ficam numa situação ainda pior.

⁶ A composição no original encontra-se na língua crioula falada na ilha de S. Tiago, Cabo Verde. Compositor: Renato Cardoso. Em português, pode ser traduzida: “O Cimo do Monte”.

Na composição «**Djonsinho Cabral**⁷» o compositor apresenta algumas condições socio-económicas relacionadas com as consequências directas da falta de chuva naquela terra, como se pode verificar no extracto a seguir:

⁸(...) *Minha gente, este ano, quão mal passei*
Semei o meu milho, semei o meu feijão
(...) *A chuva não veio, [a terra] nada deu*
Palha, não há para os animais comerem
Para que o Sr Morgado não nos tome a terra
Disse a mamãe que vou vender o boi para que possa pagar [a dívida]
Oh, mamãe! Oh, mamãe! Oh, mamãe!
Por causa da mamãe, vendo o boi para que possa pagar [a dívida]

O agricultor, na esperança que chova, faz investimentos para semear a terra, contraindo, inclusive, grandes dívidas. Não choveu, fica endividado e, mantendo ainda a esperança da vinda de chuva, a única solução é vender o boi para pagar a dívida.

Vender o boi indica que o agricultor está desgraçado, porque o boi é o último animal que ele vende. Ele pode estar disposto a tudo e a última coisa que ele vende é o seu animal de trabalho, o símbolo da força – o boi. Todavia, muitas são as composições que denunciam as condições envolvidas na emigração:

Desespero!⁹

“Deixou a terra e foi-se sem rumo e sem direcção
Deixou mulher, deixou filhos
Para ir buscar uma vida melhor
Por um lado, ele não tem que comer
Dinheiro, não tem para viver
Nem lugar para dormir
Desespero! Desespero! Desespero!”

A emigração, envolve mais do que viver longe da terra natal, mas também a separação da família, ter que ir trabalhar e viver num outro país sem saber o que o espera. Em muitos casos, o emigrante arrisca aventurar-se como marinheiro nos barcos que passam pelo arquipélago na esperança de poder ser acolhido num país de prosperidade. De facto, até adaptar a sua vida e conseguir os objectivos que o impulsionaram, terá de enfrentar os problemas descritos na composição entre outros.

⁷ «Donsinho Cabral», composição popular interpretada por Ildo Lobo, OS TUBARÕES.

⁸ Extracto traduzido para português, a composição original encontra-se na língua crioula falada em S. Tiago

⁹ Tradução de «Disispero» na língua crioula original falada em S. Vicente, composição de Vasco Martins, interpretada por Ildo Lobo, OS TUBARÕES.

2 - As causas históricas englobam os factores históricos propriamente ditos, incluem-se nestes os que derivam da influência exercida entre os insulares pelos *emigrantes históricos (pioneiros)* e/ou os seus descendentes. Nomeadamente, em relação às correntes e redes migratórias (que se iniciaram antes da independência de Cabo Verde) para os mais variados pontos da terra – distribuídos, para simplificar, por três fases, até a altura da independência.

A chamada primeira fase de emigração caboverdeana (1900 a 1920) é orientada essencialmente para os Estados Unidos, como o atestam os registos desde 1900¹⁰, através dos caça de pesca da baleia. As deslocações entre ilhas e para o estrangeiro, nestas primeiras décadas, estavam condicionadas à detenção do passaporte ou de outro documento equivalente e, em particular a partir de 1842, os navios mercantes só podiam circular desde que munidos de um documento designado “passaporte nacional”.

O passaporte era uma forma de as autoridades exercerem, no possível, alguma fiscalização. Todavia, por uma ou outra razão, muitos indivíduos se movimentavam para o exterior, indocumentados. Não havia grande rigor no controlo, nem à saída nem à entrada nas ilhas. António Carreira¹¹ acrescenta que a causa desta migração foi principalmente a miséria e as deficientes condições de vida nas ilhas, mas particularmente a tremenda crise de subsistência derivada da prolongada estiagem de 1890 – 1903, que culminou com a fome de 1903-1904.

A moderna corrente de migração caboverdeana data dos primeiros anos do século XX (1900). Os registos estatísticos, por anos, segundo os países ou territórios de destino, apontam o estabelecimento de redes migratórias históricas, a partir de 1900, para os Estados Unidos, o Brasil, a Argentina, o Uruguai, o Chile, Dakar, a Gâmbia, Lisboa, os Açores e a Madeira, a Guiné, Angola, Moçambique e S. Tomé e Príncipe, entre outros países.

Os vapores das carreiras da América do sul, África, Oriente e Estados Unidos passaram a fazer escala no porto de S. Vicente, onde, desde 1850, se haviam instalado os depósitos de carvão para abastecimento da navegação que, com frequência, ali passava. No entanto, nenhuma (ou pouca) influência exerceu a navegação a vapor na evolução das correntes migratórias de Cabo Verde.

A larga tradição que tinham as carreiras dos veleiros para os Estados Unidos fazia deles meios de transporte preferidos em detrimento dos vapores, por serem de menor custo, por se anunciar com antecedência a sua partida, e por causa do apoio dispensado pela tripulação que era, em regra, constituída, no todo ou parcialmente, por caboverdeanos.

Quando os navios eram de nacionalidade americana ou outra, os capitães, contramestres ou marinheiros eram caboverdeanos e dispensavam um precioso apoio, particularmente aos emigrantes clandestinos, recebendo-os em botes, nas enseadas, quando a fiscalização apertava.¹²

¹⁰ Segundo António CARREIRA, obra citada, 1977, p. 84.

¹¹ obra citada, 1977, p. 85.

¹² António CARREIRA, obra citada, 1977, p. 109.

Durante um pequeno *período intermédio* (entre a primeira e a segunda fases), de 1921 a 1926, a emigração deve ter sido substancial. Apesar de não haver dados relativos a este período, tudo indica que o seu volume aumentou, em especial na direcção da Guiné, de Dakar (Senegal) e da Gâmbia. Contudo, existem informes particulares referentes à facilitação da emigração clandestina usando os veleiros que, com frequência, faziam a ligação das ilhas com essa rota.¹³

Segundo os levantamentos do mesmo autor, pelo decreto lei de 14 de Julho de 1911 (e por proposta da Administração da província de Cabo Verde), foi dispensada “a exigência de passaporte aos habitantes...nacionais, para a entrada na metrópole e ilhas adjacentes e quando transitem entre a mesma província e a Guiné Portuguesa”¹⁴. Contudo, no artigo 1.º, do decreto de lei n.º 823, de 02 de Novembro de 1914¹⁵, a partir desta data em diante, “são abolidos os passaportes para os habitantes da província de Cabo Verde, qualquer que seja o destino a que se dirijam”.

Aqui se podem incluir as migrações para as outras então colónias de Portugal, S. Tomé, Angola, Moçambique, Guiné, bem como para Lisboa, Açores e Madeira. Contudo, o decreto-lei n.º 2313, no artigo 14.º, referente aos cidadãos que pretendiam sair para o estrangeiro, passou a exigir “a apresentação do passaporte passado pelo Governo Civil” excepto aos candidatos do sexo masculino em idade de serviço militar, com mais de 16 anos e menos de 45 anos.¹⁶

A chamada *segunda fase da emigração caboverdeana*¹⁷ decorre de 1927 a 1945 e vem mostrar duas tendências: uma baixa sensível da média anual de saídas; e um nítido desvio da corrente emigratória para os Estados Unidos provocado, em parte, pelas leis americanas de 1919, 1924 e 1928, impeditivas da entrada naquele país.

Neste período, a fome de 1921-1922 e a grave depressão económica mundial de 1929-1933 causaram milhares de mortes e influenciaram a emigração. Por um lado acelerando-a, por outro, limitando as saídas. Estas eram impedidas ou retardadas pela carência de navios de longo curso, complicando o abastecimento das ilhas, mas também pelos dispositivos restritivos dos Decretos de 1914 e 1916, bem como a miséria e a fome.

O Governo afrouxou a fiscalização da emigração ou procurou mesmo incitá-la indirectamente, receando a repetição de nova crise de fome, liberalizando as saídas com

¹³ Segundo António CARREIRA, obra citada, 1977, p. 96

¹⁴ Legislação Colonial da República, vol. II (1911). Tipografia do Anuário Comercial de Lisboa, 1914, p. 1002, citada por A. Carreira, 1977.

¹⁵ Legislação Colonial da República, vol. V (1914). Imprensa da Universidade, Coimbra, 1917, p. 359, citada por A. Carreira, 1977.

¹⁶ Legislação Colonial da República, vol. VII (1916). Imprensa da Universidade, Coimbra, 1919, citada por A. Carreira, 1977.

¹⁷ António CARREIRA, obra citada, 1977, p. 96 – 105.

destino a Dakar e aos “países ou colónias estrangeiras”, na Portaria n.º 146 e na n.º 247, de 18 de junho de 1928¹⁸.

Neste período, a partir de 1927, a emigração caboverdeana orienta-se acentuadamente para a rota da América do Sul, nomeadamente, Brasil (Rio de Janeiro e Santos), Argentina, Uruguai, Chile, rota esta que mantinha desde os anos 1900 em diante¹⁹.

O Decreto n.º 15.433, de 8 de Maio de 1928²⁰ e as estatísticas mostram que, apesar das restrições, a rota de emigração para a América do Norte mantinha-se, desta vez, com uma quota fixada: para os menores de 18 anos, sendo órfãos de pai ou mãe, tendo um deles naquele país, e ainda os que, na falta de pais, tivessem lá parente próximo que os chamasse e lhes garantisse sustento e educação mas por meio de documentação legal; para as mulheres casadas com ou sem filhos menores que fossem chamadas pelos seus maridos, por meio de documento devidamente legal; para as mulheres viúvas, chamadas pelos seus pais, filhos e genros; para os homens chefes de famílias que estivessem na América; e para aqueles que tinham negócios naquele país.

A corrente migratória para Dakar - Gâmbia, onde o caboverdeano (em especial a mulher) teve sempre aceitação mantinha-se de 1927 a 1945

A *terceira fase* decorre de 1946 a 1973. Esta é chamada de *grande êxodo*, na medida em que, apesar do rigoroso condicionamento da emigração legal, é uma fase marcada por grande incremento de saídas, e uma espectacular viragem de orientação dos destinos dos emigrantes que, com dificuldades, obtinham passaporte, com preferência para os países europeus: primeiramente, para Holanda, e depois para Portugal, França, Luxemburgo, Itália, Suíça, etc.²¹

Surgiu o aumento crescente da emigração para a Holanda (Roterdão e arredores), umas vezes directamente, outras através de Portugal e outras via Dakar – Gâmbia, superando a queda das saídas para os Estados Unidos. As rotas de emigração para Portugal e para Dakar eram utilizadas quer pelos que aí se fixaram, com certa permanência; quer pelos que se serviam de Portugal e de Dakar como escala e apoio, com vista a seguirem, depois, para França, Holanda, entre outros países da Europa e para os Estados Unidos²².

¹⁸ B. O. De Cabo Verde, n.º 25, de 23 de Junho de 1928. Citado por A. Carreira, 1977.

¹⁹ B. O. De Cabo Verde, n.º 24, de 11 de Junho de 1927. Citado por A. Carreira, 1977.

²⁰ B. O. De Cabo Verde, n.º 5, de 2 de Fevereiro de 1929. Citado por A. Carreira, 1977.

²¹ Sobretudo, a partir de 1940, a fiscalização da emigração legal passa a ser submetida a um rigoroso controlo com entraves diversos dos serviços respectivos, seja pela volumosa documentação e diversidade de papéis exigidos, seja pela intensiva e corrosiva acção da polícia, seja pela moderna técnica de fiscalização, seja pelo controlo dos meios de circulação que o regime instituíra. Para além destes, havia ainda a contar com a morosidade na passagem de certidões e de outros documentos, como no deferimento do pedido do passaporte, se assim fora, bem como com a centralização desses serviços na sede do Governo. António CARREIRA, obra citada, 1977, p. 105 – 107.

²² Procuravam, por estas vias, contornar os impedimentos e embaraços levantados pela polícia quando apontavam a Europa como destino. Muitos conseguiram seus objectivos por essa via. No entanto, outros

Ao fazermos uma análise de conteúdo temático, particularmente da poesia e das composições das letras musicais, pode-se detectar frequentemente a referência às causas e efeitos das migrações na propagação e evolução da música caboverdeana pelo mundo fora.

Os agentes musicais que acompanharam estas correntes migratórias correspondiam a diferentes perfis, desde elites que partiam para realizar estudos médios ou superiores, até ao migrante laboral recrutado em Cabo Verde que procura a sobrevivência.

Em vários países de acolhimento (na Europa, nas Américas, em África), os migrantes estabeleceram bases de uma cadeia migratória que adquiriu uma expressão significativa no panorama das relações migratórias entre os países de acolhimento e Cabo Verde após a independência.²³

acabaram por se fixar em Dakar ou em Portugal, por influência de patrícios neles radicados. Daí que não são conhecidos os dados exactos desta forma de emigração como tal.

²³ Esteves, Maria do Céu (1991) *Portugal, País de Imigração*, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, 1ª Ed., Lisboa.